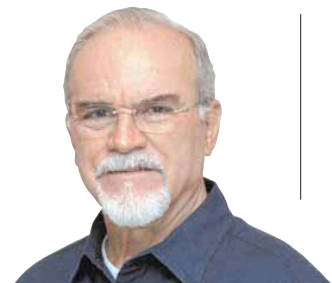


# ROBERTO DaMatta



segunda-feira  
**MATTHEW SHIRTS**

LÚCIA GUIMARÃES

terça-feira  
**ARNALDO JABOR**

quarta-feira  
**ROBERTO DaMatta**

quinta-feira  
**LUIS FERNANDO VERISSIMO**

sexta-feira  
**IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO**

MILTON HATUUM

sábado  
**MARCELO RUBENS PAIVA**

ADRIANA FALCÃO

domingo  
**VERISSIMO**

JOÃO UBALDO RIBEIRO  
DANIEL PIZA

## Ficar sozinho no Brasil

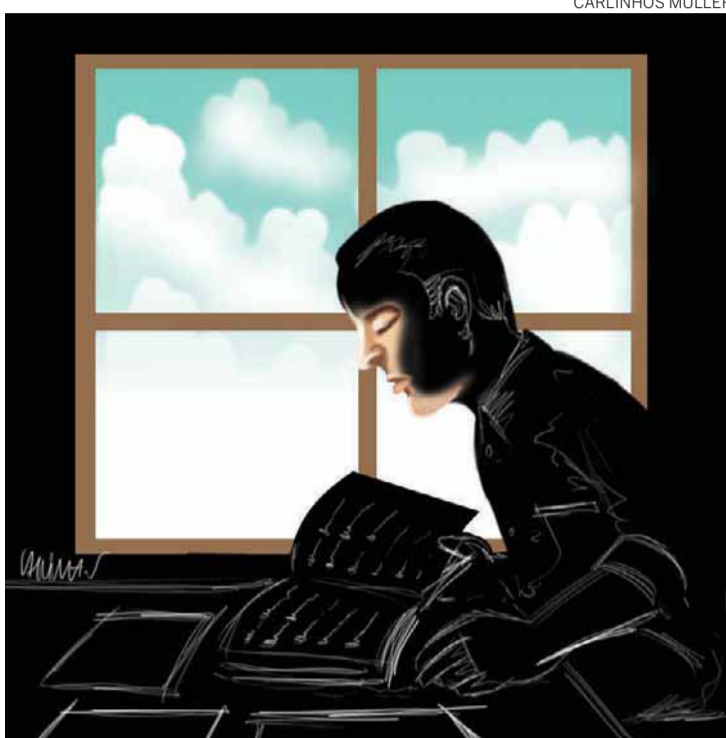
No fundo, no fundo, a declaração-confissão do Lula de que quando tenta ler alguma coisa, tem azia, é chocante e descabida para o Brasil como um país, mas é sincera e perfeitamente compreensível para ao Brasil como sociedade. Não fica nada bem que um presidente de uma nação que se deseja moderna continue afirmando a sua aversão pela leitura que é o centro dos processos educacionais. Mas não é algo do outro mundo que, como uma pessoa criada numa família brasileira, a leitura possa causar mal-estar.

Falamos muito na necessidade de ler e estudar, mas examinamos criticamente as condições sociais mínimas que tais atos requerem. A maioria dos intelectuais brasileiros que conheço teve que lutar para ler um livro dentro de suas casas, independentemente de nível social. É que, se somos controlados pelo Brasil como país, com suas muitas e dispositivos legais (que, sabemos bem, operam mais para os de baixo do que para os de cima); somos também vigiados pelas nossas famílias cujo princípio básico é evitar a solidão de seus membros. Qualquer tipo de isolamento ou de individualização, seja porque a pessoa fala pouco ou porque fica dentro do seu quarto (quando o tem), é tomado sintoma de algo não está bem.

Criamos nossos rebentos para serem sociáveis e dependentes dos mais velhos e exemplos para os mais novos. Olhamos mais vertical do que horizontalmente. Dessa jaula de carinhos e favores feita por relações perpétuas (pois nem a morte rompe com elas), não há escapatória. Nossas crianças não podem ficar sozinhas. A todo momento um adulto as excita, solicitando um olhar ou sorriso. É enorme a carga social que despejamos uns nos outros. Disso resulta uma aversão à solidão que, no Brasil, é castigo. Na América, ensina-se como fazer amigos, no Brasil precisamos do manual de como podemos nos livrar daqueles que, por amor, nos sufocam.

É óbvio que uma pessoa assim socializada, tenha dificuldades em ler e estudar, pois essas são atividades – como descobriram os monges e profetas – que demandam um mínimo de isolamento e de autonomia, esses irmãos de um silêncio que é mandamento principal das bibliotecas e de todos os ambientes de leitura. Exceto, é claro, em nossas casas onde todos os que gostam de ler e estudar desenvolvem a incrível técnica de realizar isso conversando com parentes, criados e amigos porque não fica bem um isolamento que é o primeiro sinal de loucura.

Quando lê, Lula sente azia. No meu caso era pior: eu tinha



medo de ficar louco porque ouvi muitas vezes o vaticínio segundo o qual quem lê muito vira biruta, porque fica com muita ideia na cabeça! Isolar-se para ler por longas horas era complicado, porque lhe batiam na porta; ou a abriam para “ver se estava tudo bem”. Quem não levou aquele susto de arrancar o coração quando, na única e legítima solidão de um banheiro, lia encantado algum livro pornográfico, quando uma bate-

ção bíblica na porta o tirou do tal pecado solitário?

Não é interessante e significativo que o nome do sexo consigo próprio, isso que afinal de contas é, quem sabe, o primeira experiência de um aprofundamento consciente de uma subjetividade consigo mesma, seja chamado de “pecado solitário” entre nós? Quando aprendi o tremendo pecado desta atividade, não concordei com “solitário”. Porque eu jamais estava só.

Sempre, naquele tipo de solidão, tinha alguém – irresistível e desejável – me acompanhando. Lembro-me de uma vez que lia, trancado debaixo de sete chaves no banheiro lá de casa, o livro *A Ceia de Cleópatra*, uma descrição, digamos, ultranaturalista de um festim romano, quando bateram na porta. “O que está acontecendo aí dentro? Tá na hora de sair!”, disseram com voz firme porque eu havia passado do tempo normal de ficar sozinho no banheiro. Saíndo do transe, eu tive que me livrar de uma multidão. Principalmente de um monte de belíssimas patrícias e escravas romanas que me acariciavam e serviam. Solitário uma ova! Eu estava, isso sim, num outro mundo.

Em suma: é mais ou menos proibido ficar sozinho no Brasil. Somos obrigados a nos ligar uns com os outros todo o tempo, mesmo diante das coerções da vida urbana. A recusa ao relacionamento-se ainda é considerada uma anomalia, uma antipatia ou uma anormalidade. Na rua, quem recusa a conversa fiada é o antipático modelar; em casa, é o doente mental em potencial. Estar “sismado”, ensimesmado, trancado em si mesmo, é sinônimo de raiva ou de desequilíbrio emocional. Nos Estados Unidos, dá-se o justo oposto. Falar como um mamangaio (cruzamento de uruguaio, argentino e para-

guaio), conversar como um brasuca, é sintoma de ausência daquela concentração que permite os grandes feitos e faz parte da mitologia dos grandes cientistas, profetas e intelectuais. Representa a imagem menos abonadora ou bonita da Carmem Miranda. Pois todos saíram do mundo, aceitaram a solidão, tornaram-se sós por força de um ideal ou crença e, numa outra etapa, retornaram ao mundo social triunfantes, reconhecidos como grandes. Tal como ocorreu com Robson Crusoe ou, melhor ainda, com Edmond Dantès, o Conde de Monte Cristo, o período fora do mundo foi essencial para seu triunfo junto à sociedade. Já, entre nós, o isolamento autoimposto pelas circunstâncias da desonra matrimonial num Maciel, transformando-o num Antonio Conselheiro, num “gnóstico bronco”, no dizer de Euclides da Cunha.

Moral da história: jamais fique só. Tenha sempre uma turma, uma seita. De preferência, seja dela o chefe ou mentor ou presidente. O isolamento é sinal de perturbação. Os laços sociais são prescritivos e inevitáveis. Fora deles, sem grupo ou partido, você não existe e nada pode. Agora, convenhamos, que numa sociedade assim constituída ficam complicados a leitura e o estudo. Bem como o velha e gozosa solidão... ●

### Artes Cênicas:

## Trajetória de Koltès em peças, filmes e leituras

O Sesc mostra de hoje até dia 10 uma visão conjunta da vida e obra do artista

#### Beth Néspoli

Na dramaturgia contemporânea francesa, sem dúvida Bernard-Marie Koltès (1948-1989) é que alcançou a mais ampla repercussão mundial – suas 22 peças estão traduzidas em 30 idiomas e foram encenadas em 55 países – e no mais curto espaço de tempo. Segundo o pesquisador brasileiro Luis Cláudio Machado, em 2001 haviam sido vendidos na França 48 mil exemplares de *Na Solidão dos Campos de Algodão*, 36 mil de *Roberto Zucco* e 27,5 mil de *Cais Oeste*, quando a tiragem de peças girava em torno de 500 exemplares.

A rapidez com que sua obra ganhou os palcos do planeta é surpreendente. Em 1989, ano de sua morte, era realizada a primeira montagem no Brasil de *Cais Oeste*, traduzida por Emilio de Biase e dirigida por Marcelo Marchioro. Em 1995, *Roberto Zucco* chega ao palco do Sesc Pompeia dirigida por Beatriz Azevedo; no ano seguinte, Marcos Breda está no elenco de outra montagem desse mesmo texto, sob direção de Moacir Chaves, no CCBB do Rio, e dois anos depois Nehle Franke dirige em Salvador essa que foi a última peça escrita pelo autor, que não chegou a vê-la encenada. *Na Solidão dos Campos de Algodão*, também na década de 90, ganhou uma das montagens mais bem-sucedidas brasileiras, com Ricardo Blat e Gilberto Gawronski nos papéis de dois homens.

Agora, como parte da programação do Ano da França no Brasil, o espectador interessado terá a oportunidade de ter uma visão conjunta da obra e saber um pouco mais sobre a vida desse artista de vida meteórica, acompanhando a programação do evento Especial Koltès. De hoje ao dia 10, peças, leituras dramáticas, exibição de filmes e debates vão tomar palcos e salas de quatro unidades do Sesc: Avenida Paulista, Vila Mariana, Pompeia e Ipiranga.

Catherine Marnas, diretora francesa que encenou várias peças de Koltès, abre hoje a programação com a leitura de algumas cartas dele a seu irmão, e por este editadas em livro, escritas durante suas via-

#### SUAS 22 PEÇAS FORAM TRADUZIDAS PARA 30 IDIOMAS E EXIBIDAS EM 55 PAÍSES

gens, que foram muitas, a países como União Soviética, México, Checoslováquia, Nigéria e Brasil, entre outros da África e América Latina. “Tudo na minha vida aconteceu entre os 18 e os 25 anos”, declarou Koltès, referindo-se às suas viagens pelo planeta.

Catherine é também a diretora responsável por uma das montagens da mostra, da peça *O Retorno ao Deserto*, que tem Sandra Corveloni num elenco binacional, 14 atores, seis fran-



1. *Combate de Negro e de Cães* 2. Ensaio de *O Retorno ao Deserto* 3. Koltès: carreira curta e meteórica

ceses e oito brasileiros. A trama gira em torno de Mathilde (Sandra), uma francesa que, delatada pelo irmão como traidora, é expulsa e passa 15 anos exilada na Argélia. “Ela volta com dois filhos, nascidos lá, para cobrar sua herança. Nós vimos imagens dessas mulheres cujas cabeças eram raspadas em praça pública, uma cena humilhante”, conta Sandra. Esse espetáculo estreou no Festival de Rio Preto, passou por São Paulo e cumpriu temporada em Paris.

Mais um chance para ver. Amanhã serão exibidos no Sesc da Avenida Paulista dois filmes sobre Koltès feitos por seu irmão. Na sexta será a vez de Otávio Martins realizar uma leitura dramática da peça *A Noite Antes da Floresta*, o primeiro solo de Koltès, no qual um homem procura outro, na noite, em busca de um contato que não seja baseado no dinheiro, no prazer e na violência. Nesse texto – já levado ao palco pelo ator sob direção de Francisco

Medeiros – já aparece a miríade de imagens, sugeridas por um exuberante encadeamento de palavras, que estará presente em todas as peças do autor. A programação é extensa e vale mesmo para quem acompanha a cena teatral, pois traz peças que só foram vistas em festivais internacionais, como *Combate de Negro e de Cães*, e outras ainda não encenadas em solo nacional, como *Tabatabá*, montagem dirigida por Philip Boulay com atores baianos. ●

### Programação

● SESC PAULISTA - Av. Paulista, 119, tel. 3179-3700

Hoje – 21 h  
Leitura de cartas de Koltès  
Catherine Marnas e Rita Grillo.

Amanhã – 20 h  
Exibição de filmes  
*Comme Une Étoile Filante*, de François Koltès.  
Cor, 45 min. Legendas em português.  
*Chereau/Koltès, Une Rencontre*, de François Koltès.  
Preto e Branco, 31 min. Legendas em espanhol.

Sexta – 20 h  
Leitura Dramática  
*A Noite Antes da Floresta*  
Direção de Francisco Medeiros  
Com Otávio Martins.

Sábado  
Palestras – Vida e obra de Koltès  
15 h – Brigitte Salino, crítica do *Le Monde*  
17 h – Catherine Marnas e Francisco Medeiros

Dia 10 – 20 h  
Leitura Dramática  
*Na Solidão dos Campos de Algodão*  
Direção de Francisco Medeiros  
Com Otávio Martins e Marco Antônio Pâmio.

● SESC VILA MARIANA - Rua Pelotas, 141, tel. 5080-3000  
Sex. e sáb. às 21 h, dom. às 18 h  
*O Retorno ao Deserto*  
Direção de Catherine Marnas.  
Com Sandra Corveloni e mais 12 atores.

● SESC IPIRANGA - Rua Bom Pastor, 822, tel. 3340-2000  
Sáb. às 18h30  
*Tabatabá*  
Direção de Philip Boulay.  
Com Mariana Freire e Elmir Mateus.

● SESC POMPEIA - Rua Clélia 93, tel. 3871-7700  
Dom. às 18 h  
*Combate de Negro e de Cães*  
Direção de Philip Boulay.  
Com AC Costa, Marinho Gonçalves, Carlos Betão e Maria Ventura.

Toda programação no Sesc Paulista é grátis. Espetáculos custam R\$ 10. Mais informações [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)